



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

WALESCA BEATRIZ MIOLA FREITAS

**A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA:
UMA REFLEXÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL
IRANY JAIME FARINA EM ERECHIM, RS**

ERECHIM

2017

WALESCA BEATRIZ MIOLA FREITAS

**A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA:
UMA REFLEXÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL
IRANY JAIME FARINA EM ERECHIM, RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

Orientador: Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério

ERECHIM

2017

Walesca Beatriz Miola Freitas

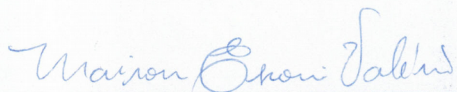
A formação da Consciência Histórica: Uma reflexão acerca do ensino de história na Escola Estadual Irany Jaime Farina em Erechim,RS

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

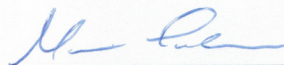
Orientador: Prof. Mairon Escorsi Valerio

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 12/12/2017

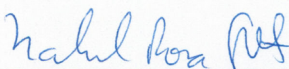
Banca examinadora:



Prof. Mairon Escorsi Valerio



Prof. Marcia Carbonari



Prof. Isabel Rosa Gritti

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Freitas, Walesca Beatriz Miola

A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA: UMA REFLEXÃO
ACERCA DO ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL IRANY
JAIME FARINA EM ERECHIM, RS/ Walesca Beatriz Miola
Freitas. -- 2017.

38 f.

Orientador: Mairon Escorsi Valério.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de história
, Erechim, RS , 2017.

1. Consciência Histórica. 2. Ensino de História. 3.
Educação Básica. 4. Reformas Sociais. I. Valério, Mairon
Escorsi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira
Sul. III. Título.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo, falar sobre a formação da consciência histórica e de como o ensino de história nas escolas brasileiras, vem trabalhando acerca da formação de seus alunos. Levando em consideração fatos como, contexto social, formação educacional prévia e faixa etária, foi possível por meio de entrevistas realizadas em uma escola pública de Educação Básica Brasileira conhecer como estes e ainda outros fatores externos, tais como os meios de comunicação de massa, interferem, contribuem ou modificam a visão acerca de questões sociais básicas. Tendo em vista a Reforma Trabalhista e da Previdência, os alunos do último ano do Ensino Médio da Educação Básica da Escola Estadual Irany Jaime Farina em Erechim, RS, foram questionados sobre o seu grau de informação acerca destas medidas. Assim, foi possível estabelecer relações das medidas sociais adotadas, com a formação histórica individual de cada aluno em relação a História Brasileira.

Palavras-chave: Consciência Histórica, Ensino de História, Educação Básica, Reformas Sociais.

ABSTRACT

The present work aimed to talk about the formation of the historical consciousness and of how the teaching of history in the Brazilian schools has been working on the formation of its students. Taking into account facts such as social context, previous educational training and age range, it was possible through interviews conducted in a public school of Basic Education in Brazil to know how these factors and other external factors, such as the mass media, interfere, contribute or change the view on basic social issues. In view of the Labor and Welfare Reform, the students of the last year of the High School of Basic Education of the State School Irany Jaime Farina in Erechim, RS, were asked about their degree of information about these measures. Thus, it was possible to establish relations of the social measures adopted, with the individual historical formation of each student in relation to Brazilian History.

KEYWORDS: Historical Consciousness, History Teaching, Basic Education, Social Reforms.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I	9
1. Consciência histórica e Didática da História.....	9
1.1 Didática da História no Brasil	11
1.2 Uma visão sobre o ensino de história	13
CAPÍTULO II	16
2. Uma experiência na Educação Básica	16
2.1 Contextualização da Escola	16
2.2 Dados da Pesquisa.....	17
2.3 Estabelecendo relações com a formação histórica individual	20
2.4 Uso da mídia na educação pode gerar um bom debate?.....	21
2.4.1 A mídia e o Conhecimento Histórico	24
CAPÍTULO III	26
3. A formação da Consciência Histórica na Educação Básica	26
3.1 O Ensino de História nos diferentes níveis da Educação Básica	27
3.2 Como a formação da Consciência Histórica auxilia na compreensão dos fatos sociais	28
3.3 O Ensino de História como elemento de uma formação cidadã.....	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXOS.....	35

INTRODUÇÃO

Em relação ao Ensino de história nas escolas públicas brasileiras, faz-se necessário ressaltar que, uma vez que o aluno é um sujeito que está inserido na sociedade, cabe a escola, uma vez sendo um espaço que também proporciona a socialização de ideias, trabalhar não só com os conteúdos programáticos determinados. Ao professor de história destina-se uma tarefa ainda maior: fazer com que o estudante compreenda que ao longo da história da humanidade, todos os acontecimentos que são narrados de forma sistemática, são fruto e consequência da atuação das pessoas na sociedade. E ainda que, de forma mais geral, os acontecimentos atuais também são parte formativa da história.

Desta maneira, cabe também citar alguns acontecimentos sociais de grande importância do contexto brasileiro atual: a Reforma Trabalhista e a Reforma da Previdência. Para que se possa compreender este trabalho de forma mais geral, inicialmente será realizada uma explanação acerca da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), e ainda alguns dos direitos assegurados por esta lei, bem como as mudanças propostas nestas reformas.

Promulgada pelo Decreto de Lei nº 5.452 de 1º de maio de 1943, A Consolidação das leis Trabalhistas (CLT), entrou em vigor em 10 de novembro do mesmo ano e passou a garantir alguns direitos básicos aos trabalhadores. Esta lei foi promulgada pelo então Presidente da República Getúlio Vargas. Cabe lembrar também que as Leis Trabalhistas são fruto de um grande e importante processo de luta da classe trabalhadora. Sendo também um resultado dos processos de agremiação de funcionários e a formação de sindicatos, desta forma, foi possível realizar a devida pressão junto ao governo para garantir a regulamentação dessas leis.

A CLT foi de grande importância para todos os cidadãos brasileiros pois se propôs a coibir relações abusivas de trabalho que antes de sua criação eram comuns: não haviam leis que regulassem horários, condições de trabalho nem benefícios. Ela foi assim, uma grande conquista, pois garantiu condições mínimas de trabalho. Já a

Previdência Social Brasileira, passou a garantir direitos de aposentadoria e regulamentar as leis sobre a mesma.¹

As reformas que estão sendo propostas pelo atual Presidente da República Michel Temer, vem gerando muita polêmica na sociedade brasileira atual, pois em alguns casos ferem direitos trabalhistas básicos. Partindo desta premissa, algumas propostas envolvem, entre outras mudanças: alteração das jornadas de trabalho, regimes alternativos, remuneração, multa administrativa, férias, gestante e trabalho insalubre, entre outras. A Reforma da Previdência, visa mudanças sobre idade mínima de aposentadoria e tempo de contribuição.

Pensando nestas mudanças que afetam diretamente os cidadãos brasileiros, as escolas vêm trabalhando os dois assuntos, com finalidade de reconhecer as implicações sociais e históricas destes eventos. Assim, este trabalho visa a investigação desta formação cidadã da consciência histórica individual e coletiva, com as informações divulgadas pelos meios de comunicação de massa. Ao final, se quer verificar como e de que forma, a escola e a mídia contribuem para a formação histórica e cidadã dos sujeitos sociais.

1 Informação disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del5452.htm%20e%20http://www.previdencia.gov.br/reforma/

CAPÍTULO I

1. Consciência histórica e Didática da História

O professor que trabalha com a disciplina de história nas escolas frequentemente depara-se com o desafio de trabalhar com os alunos dos mais variados níveis e idades, as construções históricas que foram transformadas em conteúdos programáticos da disciplina. O desafio se dá, pois justamente estes sujeitos que, são os agentes formadores da história, são as pessoas que fazem a história.

Cabe aqui destacar o famoso pensamento de Marx trazido na obra de Luis Fernando Cerri “Os conceitos da Consciência Histórica e os Desafios da Didática da História”, que diz: “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado.” (CERRI, 2001). Inicialmente na formação educacional das crianças, os alunos ainda possuem dificuldades de compreender que a educação histórica não é aprender uma sequência de fatos que parecem perfeitamente alinhados e organizados através do tempo, mas sim que a história são os acontecimentos ocorridos no nosso dia a dia que trazem mudanças sociais, econômicas e culturais significativas na ordem local, regional e por vezes, mundial.

Realizar a abstração dos conceitos históricos e compreender que, estes conceitos e acontecimentos são consequência de atos e concepções que foram desenvolvidas em uma determinada época, por um determinado grupo diferente de pessoas, nem sempre é uma tarefa fácil. A educação histórica deve ser uma construção, percebendo que o aluno já traz bagagem de sua própria vida em sociedade, visto que esta habilidade é algo exclusivamente humano.

A capacidade que o ser humano possui de perceber-se como agente de mudanças o que conseqüentemente, potencialmente o torna um ser que faz a história, é algo inerente a sua existência. Isso posteriormente nos coloca como construtores e exploradores de tudo aquilo que foi com construído por nós mesmos.

Um primeiro aspecto da discussão a considerar é se a consciência histórica é um fenômeno inerente à existência humana ou se é uma característica específica de uma parcela da humanidade, uma meta ou estado a ser alcançado. Ou, em outros termos, se trata de um componente da própria consciência, no sentido geral de auto-consciência, de saber-se estando no

mundo, e nesse caso algo inerente ao existir pensando e sabendo, ou se estamos tratando de um nível específico de saber que não é imediatamente característico de toda a humanidade, e portanto é uma forma de conhecer à qual é preciso chegar, no sentido de tomada de consciência. (CERRI, 2001, p.96).

Torna-se então, de extrema importância ressaltar que hoje nas escolas, o professor vindo recentemente da academia se depara com um distanciamento acerca de sua formação histórica de nível superior, com a formação dos alunos das escolas de Educação Básica. Em seu artigo “Educação Histórica: Uma nova área de investigação”, Isabel Barca nos traz a preocupação que existe em trabalhar o ensino da história com alunos de menor idade.

A criança e o adolescente que está iniciando sua vida escolar, está também em processo de construção da sua consciência histórica. Este estudante está inserido na sociedade atual, presenciando e vivendo acontecimentos significativos para a época na qual está inserido. Por viver o agora, ainda apresenta grandes dificuldades em compreender o passado e suas ações e implicações no tempo presente.

Cabe então a escola e ao professor trazer estes elementos para a sua compreensão, tarefa esta que se torna um árduo trabalho ao professor ao partir do princípio que cada aluno possui uma vivência diferente com o ambiente, com valores e ideias diferentes.

Em primeiro lugar, a ideia de consciência histórica reforça a tese de que a história na escola é um tipo de conhecimento histórico qualitativamente diferente daquele conhecimento produzido pelos especialistas acadêmicos, e, mais que isso, são ambos apenas parcelas do grande movimento social que é pensar historicamente, e não a forma de fazê-lo. Reforça-se, em consequência, a recusa de um modelo em que o conhecimento histórico produzido academicamente tem na escola e nos meios de divulgação científica uma correia de transmissão e simplificação de seus enunciados. Após dois séculos de “combates pela história”, o conhecimento histórico acadêmico logrou tornar-se a principal referência para o pensar historicamente da sociedade, mas o momento exige que se reconheça que não é o único, sob pena de limitar a percepção dos fenômenos que envolvem o surgimento, a circulação e o uso dos significados atribuídos ao grupo no tempo. (CERRI, 2001, p. 108).

Com a finalidade de criar progressivamente um senso de consciência histórica, a vida escolar quando iniciada, segue uma linearidade. Esta linearidade permite que os educadores trabalhem inicialmente com todas as noções trazidas pela realidade de seus educandos. A ideia de que o professor pode trabalhar os conceitos escolares o mais próximo possível da realidade do aluno é uma tarefa recorrente na maioria das escolas. Isso porque grandes pensadores da Educação como Paulo Freire, já traziam em seus

estudos que partir do conhecimento prévio do aluno, é um ponto de partida significativo para a construção do conhecimento.

Inicia-se então por uma espécie de sondagem, onde os professores partem de um ponto em comum, relacionando os conteúdos com as vivências de seus alunos. Quando o professor consegue estabelecer relações do conteúdo com a realidade social das quais os alunos fazem parte, torna-se possível um trabalho de construção conjunta.

Para que se tenha uma ideia de como a sociedade, o tempo e as condições sociais interferem diretamente na concepção que os jovens criam com relação aos fatos históricos, Barca traz o exemplo de pesquisa realizada em algumas escolas de Portugal que partia da premissa: “Como os alunos portugueses pensam a história?”. A pesquisa procurou mapear como alunos do ensino básico e secundários portugueses, bem como seus professores encaravam as diferentes explicações para os mesmos fatos históricos.

Da mesma forma, ao tentar trazer isto para a realidade brasileira, vamos nos deparar com algumas restrições quanto à compreensão de alguns estudantes à cerca de fatos históricos trabalhados na escola. Dessas diferenças, além de levarmos em consideração o próprio nível de formação individual de cada um, também devemos levar em consideração a formação de cada professor, a realidade de cada escola e comunidade, e ainda os materiais utilizados para as aulas, como por exemplo, mídias, livros didáticos e outras fontes de preparação das aulas.

Na experiência proposta por Barca nas escolas portuguesas, os alunos envolvidos na pesquisa, tiveram que analisar diferentes historiadores e diferentes narrativas. A conclusão em que muitos deles chegaram foi de que a história, em seu sentido narrativo, é sempre a mesma, ainda que em diferentes percepções. Desta maneira, cada historiador, acaba por explicar o mesmo fato sobre o seu ponto de vista, ou o ponto de vista que ele considera mais importante, gerando assim diferentes narrativas sobre o mesmo fato.

1.1 A Didática da História no Brasil

Ao trazermos esta mesma questão sobre como os alunos brasileiros interpretam e constroem, sua percepção de historicidade, devemos também lembrar que assim como os diferentes historiadores, os diferentes professores, seguem um trabalho como uma

narrativa histórica própria, trabalhando com suas turmas sua visão e interpretação de fatos históricos, de acordo com aquilo que consideram mais relevante ou não. E visam também, tentar da melhor forma, estabelecer relações com o tempo presente.

Para melhor compreender a forma como a didática da história é trabalhada pelos professores, no texto “Didática da História na Alemanha e no Brasil” de Rafael Saddi, que trata do significado e a importância da didática da história para a educação Brasileira, pode-se fazer um contraponto entre, como era a vista a didática da História e sobre como hoje, - após a contribuição da literatura alemã – é vista a didática da história.

Em um primeiro comentário, ele nos trás, a visão antiga - embora não tão distante - da didática da história:

O termo didática da história apresenta tradicionalmente, no Brasil, ao menos quatro reduções. (SADDI, 2012). Em primeiro lugar, ele se restringe à metodologia do ensino de história, e muitas vezes, à técnica de ensino. A didática da história é a área que se preocupa, assim, exclusivamente com o “como” ensinar história. Em segundo lugar, a didática da história está reduzida ao ensino ‘escolar’ da história, se voltando para o como ensinar história “na escola”. Em terceiro lugar, aparece como uma área externa à ciência histórica que deve buscar em outras áreas (especialmente na Pedagogia) os procedimentos e métodos para definir como ensinar história nas escolas. Por último, a didática da história está estabelecida, muitas vezes, mais como um campo de formação prático do que como uma área aprovada cientificamente. (SADDI, 2014, p.140-141).

Esta concepção de didática da História, veio sofrendo algumas mudanças nos últimos dez anos segundo Saddi.

Primeiramente, ela tem, paulatinamente, deixado de ser compreendida como uma mera metodologia do ensino de História. Como afirma Cerri (2001, p. 110), ela compreende a “(...) a necessidade de pensar e pesquisar os conhecimentos históricos em todo o tecido social, e as inter-relações que promovem entre si o conhecimento erudito ou o escolar”. Em segundo lugar, e decorrente da primeira, ela deixa de estar entrada exclusivamente no ensino escolar da história. Segundo Cardoso (2008, p. 158), “A *geschichtsdidaktik* abrange mais do que a realidade escolar, ela estuda a ‘consciência histórica na sociedade’”. Em terceiro lugar, ocorre um questionamento da separação entre didática da história e ciência histórica. No âmbito da metodologia do ensino, Schmidt (2009) tem questionado a pedagogização do ensino de história, e, no âmbito da reflexão sobre a própria didática da história, tem se entendido esta disciplina como uma parte inerente dos estudos históricos (CARDOSO, 2008), isto é, como uma subdisciplina da ciência histórica. (SADDI, 2010). Por último, a didática da história tem se fortalecido como uma disciplina científica específica, com objeto e campo de investigação próprio. (SADDI, 2012). (SADDI, 2014, p.141)

Ainda que de um ponto de vista crítico essas histórias não tenham legitimidade científica, elas possuem legitimidade social e sem a licença do historiador formam as consciências históricas dos indivíduos, pois articulam para eles o passado, como campo de experiência, o futuro, como horizonte de expectativas e o presente, como ação resultante deste confronto. Entretanto, neste processo, a escola é o local onde essa história socialmente difusa, sem a chancela da ciência se encontra com uma história cientifizada, organizada como um campo de saber específico com sua metodologia organizada, procedimentos analíticos e conteúdos construídos.

Desta forma, podemos considerar que hoje, mais do que nunca há uma ligação entre a didática da história e a educação. Essas duas áreas em consonância, permitem que os conteúdos e discussões do ensino de história trabalhados na academia, realizem uma transposição didática para os conteúdos de história trabalhados nas escolas. Esta consonância referida, torna hoje a aula de história um grande espaço de debate com relação a fatos do passado e do presente.

Tendo por objetivo principal a construção da consciência histórica, a didática da história assume um papel formativo dos conceitos históricos e sua relação espaço-tempo. Estabelecendo relações dos conteúdos, com o tempo e a realidade na qual ocorreram com um intuito formativo destes conceitos.

1.2 Uma visão sobre o ensino de história

Ao refletirmos sobre a prática do ensino de história, cabe um questionamento importante com relação a prática docente. “Como os alunos compreendem a disciplina de história?” Este questionamento é trazido no texto, “O Ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil”, de Aryana Lima Costa e Margarida Maria Dias de Oliveira, sobre a qualidade e a complexidade do ensino da história. Inicialmente, já deve-se ter em mente que, esta questão não está relacionada com os conteúdos programáticos da disciplina, mas sim com uma preocupação real com a compreensão dos alunos sobre o que eles entendem por história pois, segundo as autoras:

Essa compreensão requer dos alunos um entendimento de que História é uma disciplina específica, com uma metodologia própria. Tem ideias e um vocabulário característico, como fontes, investigação, verdade, validade, etc. Requer a percepção de que História não existe por si mesma, mas é produto de um trabalho de determinadas pessoas. É um conhecimento específico.

Por entender que seja necessário por parte dos alunos a compreensão de que a História é um conhecimento específico, uma das preocupações dentro da Educação Histórica é entender o que contribui, ou não, para esse entendimento dos alunos. Ou seja, qual a interferência, por exemplo, que a mídia e a própria vida cotidiana dos alunos, exerce em seu entendimento da disciplina? (COSTA E OLIVEIRA, 2007, p.156).

Por instrumentos que facilitam a compreensão, não cabe somente destacar aquilo que o próprio professor de história utiliza em suas aulas, mas os próprios materiais externos e inerentes aos alunos. Estes, formadores de opinião interferem diretamente na formação de sua educação e fazem com que eles possam assimilar de maneira mais satisfatória os elementos trabalhados na disciplina. No entanto, até aonde estes instrumentos, interferem de forma construtiva nesta formação?

Cabe aqui lembrar que o uso mais frequente de mídias nem sempre acaba por ajudar neste processo. As mídias digitais que são utilizadas como recurso por professores, e como forma de lazer para alguns alunos, estão repletas de recursos que podem vir a auxiliar. No entanto, existem também os meios de comunicação de massa que também trazem informações sobre fatos e ideias que nem sempre auxiliam o professor de maneira satisfatória.

A escola é sim lugar de debate, e é por este motivo que os meios de comunicação de massa devem ser escutados e por vezes auxiliarem o professor neste processo. A isto, deve-se compreender que, os meios de comunicação possuem uma dada visão da realidade, e por vezes estas visões são as grandes formadoras de opiniões por estarem sendo amplamente divulgadas e reproduzem percepções de acontecimentos. Estas percepções, podem ser confrontadas com as diferentes ideologias da realidade:

1. Para que os alunos entendam o que é a disciplina História, eles precisam entender sua especificidade - logo, o diálogo estabelecido pelos que lidam com Educação Histórica se dar com a Teoria da História.
2. A História deve prover o conhecimento necessário para que os alunos saiam do senso-comum e utilizem-na de maneira que atue em suas experiências subjetivas, em seu conhecimento prévio, adquirido através do “mundo”, de maneira significativa, que lhes dê condições de orientação no tempo. (COSTA E OLIVEIRA, 2007, p. 157).

Desta maneira, se propõe a seguir, uma experiência prática na Educação Básica. Para que se consiga ilustrar a importância da formação histórica para a compreensão de fatos diários de grande proporção, foi realizada uma entrevista com alunos da Educação Básica de uma Escola Estadual de Educação Básica Brasileira. A seguir, veremos como

as condições sociais, pessoais e a formação histórica já trabalhada, resultou nas respostas dos alunos frente a uma temática atual de ordem social brasileira: A Reforma Trabalhista e a Reforma da Previdência.

CAPÍTULO II

2. Uma experiência na Educação Básica

Partindo das premissas da Educação Histórica e da Didática na construção do processo de aprendizagem da história, realizou-se uma pesquisa com os alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina em Erechim, RS. A referida escola possui duas modalidades de Ensino Médio: O Ensino Médio Regular e o Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para fins de comparação, foram aplicadas as entrevistas nas duas modalidades de ensino, com uma finalidade clara: perceber, como estes estudantes de faixas etárias diferenciadas enxergam a Reforma Trabalhista e da Previdência.

2.1 Contextualização da Escola

Neste primeiro momento faz-se necessário conhecer o contexto no qual a escola está inserida. A Escola Estadual de Ensino Médio Irany Jaime Farina, atende alunos de todas as séries da Educação Básica e possui um grande número de alunos que estudam no turno da noite e que já são trabalhadores. A escola encontra-se localizada em um bairro de baixa renda e grande vulnerabilidade social, na cidade de Erechim, RS, onde seus alunos já iniciam no mercado de trabalho desde muito jovens – a maioria no ramo informal.

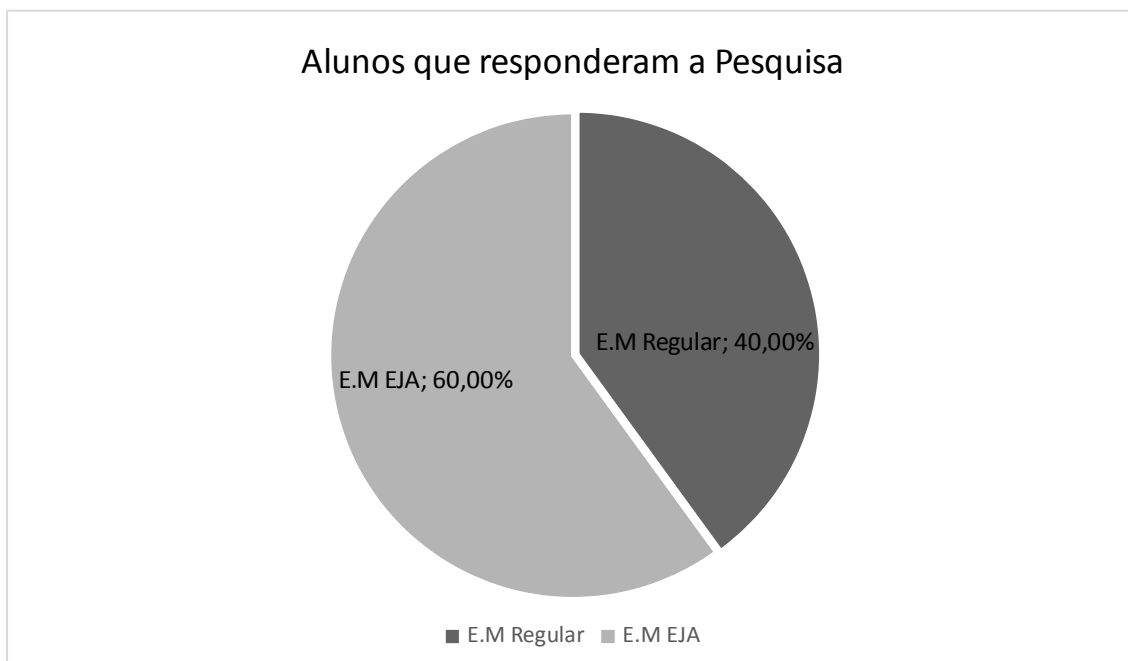
Neste contexto, temos um grande número de alunos que se afastam durante o Ensino Médio e acabam por retornar alguns anos depois para concluírem seus estudos na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sua necessidade, provém em sua maioria, de imposições feitas nos próprios locais de trabalho que exigem um grau mínimo de instrução, que hoje se centra na conclusão do Ensino Médio.

Destes alunos regressos, a maioria abandonou a escola pelo mesmo motivo o qual retornou: o trabalho. A necessidade de trabalhar muito cedo, fez com muitos deles deixassem a escola para dedicar-se em tempo integral ao serviço. Assim achou-se interessante aplicar uma pesquisa que tem a finalidade de perceber como os jovens e adultos jovens veem as mudanças apresentadas nas duas reformas propostas.

2.2 Dados da pesquisa

A pesquisa foi elaborada visando dois pontos principais: conhecer um pouco o contexto do entrevistado, procurando conhecer qual o conhecimento prévio sobre as duas reformas, levando em consideração sua faixa etária e se já trabalhava ou não. E em seguida perguntas acerca de sua formação histórica, voltadas sobre o conhecimento individual de cada um em relação a história da CLT no Brasil, bem como as lutas sociais e políticas que envolveram este processo.

Responderam a pesquisa 20 alunos, sendo que destes 8 alunos pertenciam a classe do 3º ano do Ensino Médio regular e 12 alunos pertenciam a classe equivalente, na modalidade de Ensino da Educação de Jovens e Adultos. As diferentes faixas etárias, variaram entre os 16 anos até os 34 anos de idade. Observou-se que os alunos pertencentes ao Ensino Médio regular, pouco apresentavam distorções de idade-série, sendo assim estão inseridos em sua série sem grandes índices de reprovações na vida escolar.



Em seguida, foi realizada uma segunda leitura, visando agora saber quantos alunos já haviam ingressado no mercado de trabalho. Dos entrevistados, 12 alunos responderam que já trabalham, sendo que destes, apenas 2 trabalham no ramo informal.

Assim, as reformas trabalhista e da previdência atingem diretamente os alunos que já estão inseridos no mercado de trabalho de maneira formal (carteira de trabalho assinada).

Após esta análise, foi dada a prioridade em observar o que os estudantes já sabiam sobre as duas reformas e o resultado foi preocupante: somente 5 estudantes possuem alguma clareza com relação as mudanças impostas nas duas propostas, como podemos ver no gráfico a seguir:



Destes 5 a maioria (4 de 5), são alunos pertencentes a Educação de Jovens e Adultos, ou seja, considera-se que a faixa etária influenciou diretamente no que diz respeito ao interesse e preocupação ao acesso a estas informações. Nota-se que a maioria dos estudantes pertencentes ao Ensino Médio regular, está no grupo de pessoas que ainda não está por dentro da maioria das mudanças que atingirão diretamente os direitos dos cidadãos. Fica a dúvida quanto à qual motivo se deve esta falta de interesse por parte dos adolescentes, e ainda, qual a sua compreensão em relação a construção histórica das leis e da história política brasileira.

Alguns dos conteúdos programáticos trabalhados na escola deveriam abranger esta questão de cunho histórico relacionada as leis trabalhistas. Existiria uma parcela de culpa por parte da escola com relação a essa deficiência de informação? Ou seriam as

mídias responsáveis por criar algum tipo de alienação, ou ainda desinteresse por parte dos jovens da atualidade?

Para responder a estas questões é necessário lembrar que, o contexto atual da educação brasileira envolve filhos de trabalhadores com diferentes faixas de renda nas escolas públicas, além disso, por ser uma escola localizada em uma área em que os estudantes iniciam sua vida laboral desde muito cedo, pode sim haver algumas lacunas no que diz respeito a formação da consciência histórica construída no início da vida escolar. Não muito distante, também existirá uma grande influência dos meios de comunicação como formadores de opinião.

Visando esclarecer estes pontos, também havia na pesquisa, uma pergunta de cunho formativo, onde os alunos deveriam informar em quais locais já haviam ouvido falar sobre as mudanças propostas nas reformas. Das opções possíveis os alunos deveriam assinalar quantos, ou todos ou locais sugeridos, caso este fizesse parte do seu banco de informações acerca do assunto.

Sendo assim, haviam as seguintes opções: meios de comunicação falados, meios de comunicação impressos; internet e redes sociais; Escola; e outros (família, amigos, outras fontes). Uma das coisas que mais chama atenção é que a grande maioria assinalou mais de um local, como fonte de informação e destes, a grande maioria credita à meios de comunicação, escola, internet e redes sociais, como principais locais de fonte de informação.

Seguindo ainda a ideia inicial de informar sobre como e por onde os jovens buscaram a informação, buscou-se ainda se saber se estes jovens sabiam quem havia proposto estas reformas e ainda quem politicamente era a favor e quem era contrário. O grande nível de falta de informação sobre quem estaria propondo, apoiando ou se contraponto a proposta, traz à tona mais uma grande preocupação com a formação da consciência histórica destes alunos.

Com relação à formação histórica que seria papel da escola e do professor, a realidade brasileira vem mostrando que, na atualidade, os professores tentam incutir em seus alunos habilidades reflexivas sobre os acontecimentos sociais atuais e históricos. Esta modificação de linha de trabalho se faz necessária uma vez que, a disciplina de história nas escolas não pode ser mera repetição narrativa de fatos, deve-se pensar em relação a eles, estabelecer conexões e compreendê-los de maneira geral.

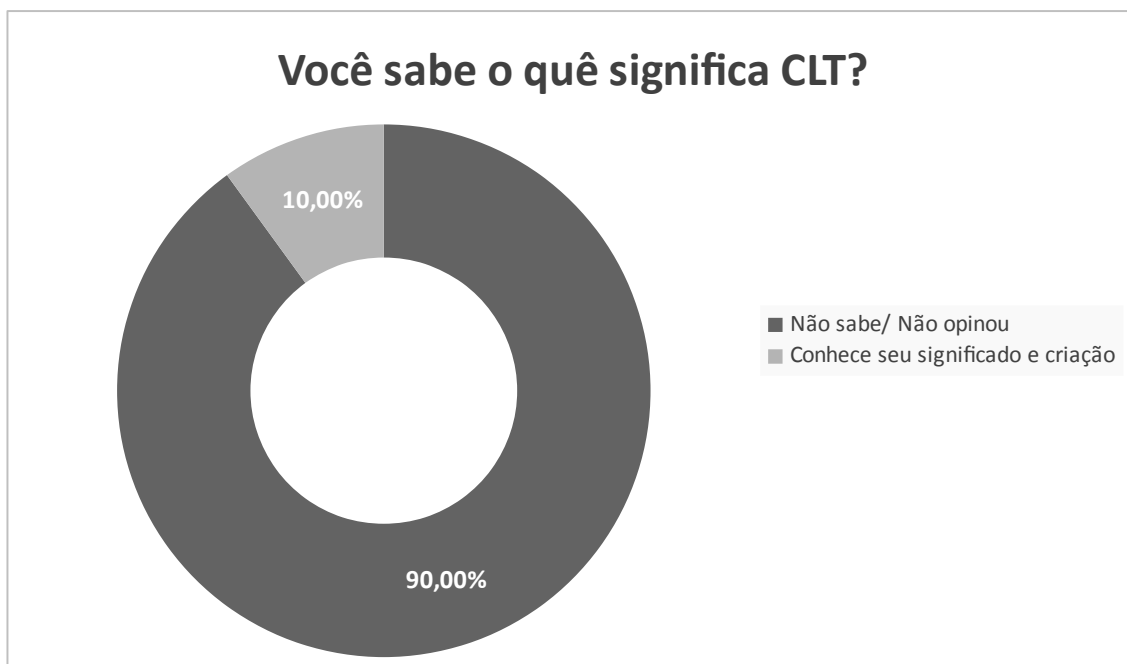
Portanto, a formação individual e coletiva dos jovens estaria diretamente relacionada a sua consciência histórica. Ainda que se tente encontrar neste contexto, uma explicação para tamanha desinformação, ou falta de formação dos estudantes desta realidade escolar com relação a temas tão atuais da sociedade, é necessário também levar em consideração a sua individualidade de formação histórica.

2.3 Estabelecendo relações com a formação histórica individual

Se pensarmos nas particularidades de cada indivíduo em cada realidade, é necessário compreender que estas diferenças são as responsáveis pela compreensão de cada um e a sua relação com a história:

A cultura histórica apresenta-se a todos os seres humanos em três distintas dimensões que se entrelaçam. O resultado desse encontro é o fornecimento de identidades, memórias, representações temporais, símbolos, ideologias e tantos outros componentes da cultura que influenciam diretamente a história de cada um. A consciência histórica atua, nesse contexto, como fornecedora de sentido às ações humanas à medida que todos se deparam com uma carga cultural que lhe precede e também prescreve tradições e modelos. Estes podem ser seguidos, questionados, relidos, transformados de acordo com a forma pela qual cada um aplica seu pensamento histórico, conscientemente, à vida. (ALVES 2013, p.66)

Na segunda parte da pesquisa, foram lançadas algumas perguntas de cunho histórico para perceber qual era a compreensão que os alunos que responderam, tinham da historicidade por trás das leis implantadas, antes mesmo de suas proposições de reforma. Como resultado, somente 2 alunos tinham alguma noção histórica sobre a formação destas leis, antes mesmo da sua reforma.



Conforme podemos ver no gráfico somente 10% dos estudantes entrevistados possuem conhecimento prévio das leis. No entanto, o que chama atenção, é que mesmo que poucos estudantes tenham ciência de seu significado, quase todos que responderam à pesquisa, sabem o quanto ela é importante para os trabalhadores. Além disso, grande parte opina que as mudanças propostas nas reformas não favorecem o trabalhador de baixa renda.

Isso demonstra que em algum momento, dentro da formação de sua consciência histórica, estes alunos têm o registro da importância da criação de direitos e que de alguma forma estão sendo informados e atingidos pelas mudanças. Pode-se concluir então que, embora os alunos apresentem algumas lacunas na construção de seu conhecimento histórico, ainda sim existe algum resíduo presente em sua formação escolar que lhes permite refletir e debater com relação a assuntos de cunho social.

Existiu ainda uma grande preocupação no que diz respeito à Reforma da Previdência, demonstrando que em relação a esta Reforma, os alunos estavam mais informados com relação as mudanças propostas. Talvez esta preocupação venha da grande divulgação realizada na mídia e nas Redes Sociais, que fizeram com que eles tenham recebido mais informação com relação ao assunto. Tentando estabelecer relações com este tema, veremos agora de que forma a mídia pode trazer contribuições para a educação e para o ensino de história.

2.4 Uso da mídia na educação pode gerar um bom debate?

Vivemos em mundo globalizado, em que as informações estão disponíveis em tempo real. E justamente por causa desta facilidade de acesso à informação que os jovens cada vez mais buscam informações nas mídias e redes sociais. Estas informações, são fonte de grandes discussões em sala de aula, e se bem trabalhadas, podem gerar debates interessantes sobre os mais variados temas.

No entanto, deve-se ter uma atenção especial com as fontes em que estes jovens buscam sua pesquisa, pois assim como nós, cada fonte busca trazer a notícia sobre a sua interpretação. Esta interpretação nem sempre benéfica, pode fazer com que muitas pessoas acabem por construir ideias errôneas ou equivocadas, devido à falta de imparcialidade.

As reflexões em torno do assunto mídia e educação vem sendo aprofundadas há várias décadas dado a constatação de sua influência na formação do sujeito contemporâneo e da necessidade em explorar o assunto diante do rápido desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação. (DORIGONI e SILVA, 2008, p.1).

Um dos exemplos que podemos dar é baseado na pesquisa aplicada com o 3º ano do ensino Médio que já havia sido mencionada anteriormente. Ao responder à questão: “O que você sabe sobre a Reforma Trabalhista e da Previdência?”- um estudante respondeu: “Só sei que se não fosse aprovada, poderíamos não receber mais nosso salário”.

Ao analisar os dados da pesquisa aplicada, chegou-se à conclusão de que no ambiente no qual os estudantes da referida escola estão inseridos, um dos maiores difusores de notícias é a televisão. Esta conclusão deve-se ao fato de que todos os estudantes, assinalaram como fonte de informação sobre as reformas, este meio de comunicação. Assim, pode-se dizer que, uma resposta como a citada acima, pode ser também uma interpretação errônea dos fatos, pois nem todos os estudantes, informaram-se sobre estas propostas em outro difusor de informações.

Pensando nesta realidade, quantos mais alunos brasileiros também fazem parte deste grande grupo de pessoas que baseiam seu entendimento sobre algum assunto, somente naquilo que ouvem na televisão, ou na mídia em geral? Este dado faz parte da realidade de muitos brasileiros que não tendo mais opções de lugares para pesquisar, acabam por basear seus comentários somente na notícia assistida nos meios de comunicação de massa.

Contudo, até onde a escola pode considerar que a mídia pode contribuir para um bom debate em sala de aula? Se o professor trabalhar o discurso da mídia como forma de analisar um ponto de vista entre muitos, e fazer com que o aluno reflita a respeito de diferentes pontos de vista em relação a determinado assunto, o diálogo entre mídia e escola torna-se algo possível e produtivo. Assim muitas vezes é atribuída a escola, a tarefa de trabalhar o seu uso.

Tradicionalmente a sociedade atribuiu a instituições escolares à responsabilidade na formação da personalidade do indivíduo tendo em vista a transmissão cultural e do conhecimento acumulado historicamente. A educação para as mídias como perspectivas de um novo campo de saber e de intervenção vem se desenvolvendo desde os anos de 1970 no mundo inteiro com o objetivo de formar usuários ativos, criativos, críticos de todas as tecnologias de informação e comunicação. (DORIGONI e SILVA, 2008, p.1)

Considerando a realidade na qual a escola de nossa pesquisa está inserida, existe alguns desafios os quais os professores devem enfrentar. Haja visto que segundo Dorigoni e Silva, transformar o uso das mídias para criar cidadãos mais “ativos criativos, críticos de todas as tecnologias de informação e comunicação” (DORIGONI e SILVA, 2008), requer desenvolver em muitos alunos o uso consciente das mídias, tornando possível um diálogo entre escola e mídia e não somente para a cultura de entretenimento.

Para efetivar a aplicação das tecnologias de informação e comunicação na escola, após a constatação de sua importância e necessidade, é preciso criar conhecimentos e mecanismos que possibilitem sua integração à educação evitando o deslumbramento ou o uso indiscriminado da tecnologia por si e em si. Portanto, é imprescindível enfatizar o cunho pedagógico em detrimento das virtualidades técnicas, fugindo do discurso ideológico procedente da indústria cultural. (DORIGONI E SILVA, 2008, p.1).

Assim, faz-se necessário educar os alunos para o uso de mídias para que possam tornar-se conscientes de que as mídias trazem informações de grande importância, mas que devem ser debatidas de forma imparcial, com a finalidade de aprimoramento de ideias. Em seu texto, Monica Fantin nos traz três sentidos distintos para a educação do uso de mídias:

[...] o cenário atual da mídia e sociedade interpela a educação em três sentidos: do ponto de vista alfabético (sendo as mídias protagonistas da interação social e da transmissão cultural, a educação não pode deixar de trabalhar sua linguagem, assegurando seu conhecimento e uso); do ponto de vista metodológico (sendo as mídias um novo habitat cultural, a educação não pode ignorar esse aspecto limitando-se às mediações tradicionais); e do

ponto de vista crítico (além de saber usar as mídias, há que ter consciência reflexiva e responsável de que a paisagem midiática não é só suporte tecnológico, mas também cultura). (FANTIN, 2011, p. 29 e 30).

Voltando-nos para os resultados da pesquisa realizada, podemos concluir que, os estudantes envolvidos neste processo, possuem registros do que foi ouvido na mídia, estabelecendo relações com os conteúdos escolares trabalhados nos quais ainda possui registros. Desta maneira, podemos sim considerar o uso da mídia e meios de comunicação como um subsídio ao professor nas escolas, sempre visando a formação da consciência crítica dos alunos.

2.4.1 A mídia e o Conhecimento Histórico

Tendo em vista que a mídia é uma forma de comunicação e que a comunicação é uma forma de expressão e uma maneira dos homens se relacionarem entre si, se torna necessário o estudo da comunicação a partir de uma perspectiva histórica. Atualmente os alunos dispõem de muita informação e é isso que muitas vezes dificulta o trabalho do professor.

Compreender os processos históricos, por meio da comunicação é uma das formas mais fáceis de compreender a história. Trazer esta questão de comunicação social para os bancos escolares permite abrir um diálogo mais direto com os alunos. Fazer com que estes mesmos alunos compreendam que esta comunicação realizada por meio da mídia também pode existir no espaço escolar, pode gerar um bom debate em sala de aula.

Nessa perspectiva, a mídia-educação pode funcionar como instrumento cultural e educativo, tanto no sentido da formação prático-reflexiva dos profissionais da comunicação como na formação e capacitação de educadores. (RIVOLTELLA, 2002, p. 35). Como instrumento cultural, seria uma oportunidade dos profissionais da comunicação refletir sobre sua própria atividade, relacionando-a com a responsabilidade social e educativa que ela implica (construções de notícias, qualidade dos programas televisivos etc.). Como instrumento educativo, construiria a competência dos professores e dos educadores em geral, como, por exemplo, pais, operadores grupais e outros profissionais que trabalham com educação não formal.

Diante disso, a formação de professores sintonizados com as novas linguagens das mídias deve corresponder à formação de comunicadores sintonizados com as funções educacionais das mídias e sua responsabilidade social. (FANTIN, 2011, p. 34).

Quando os estudantes passam a perceber como as mídias se transformaram ao longo do tempo, também será possível compreender quais as transformações sociais acompanharam estes processos e de maneira geral, como este processo também se relaciona com a mídia. Partiremos agora para uma conclusão entre a formação da consciência histórica, envolvendo o uso de mídias e como estas duas vertentes formam os alunos da atualidade que serão os cidadãos atuantes da sociedade. Para isso, retornaremos na análise das entrevistas, baseando-se no conceitual da construção do conhecimento histórico e da evolução do uso de mídias.

CAPÍTULO III

3. A formação da Consciência Histórica na Educação Básica

Ao dizermos que inicialmente, os estudantes dos anos iniciais da Educação Básica apresentam grandes dificuldades para a realização de abstrações para a compreensão do que é tempo e do que são fatos históricos, um dos maiores desafios que são postos aos professores é a tarefa de instruir estes alunos com a noção básica do que é o tempo. Neste sentido, não estamos nos referindo somente ao tempo do relógio, mas sobretudo ao tempo histórico.

Já que cabe ao professor desenvolver a criticidade no aluno, podemos iniciar um trabalho voltado para cada aluno como um indivíduo que é dotado de uma história. Ao tentarmos resgatar estas memórias, cada aluno deve observar que estes fatos da sua vida são semelhantes a fatos que ocorrem na sociedade e que marcam de acordo com a sua relevância social.

Esta ideia de explorar aquilo que a criança e o jovem trazem de sua realidade é explicada por Germinari ao dizer que: “a realidade do jovem se expressa na consciência histórica, e que, de alguma maneira, os elementos que constituem a vida do jovem estão presentes na sua consciência histórica. Nessa direção, conhecer as estruturas identitárias presentes na cultura juvenil pode revelar aspectos da relação entre cultura e consciência histórica.” (GERMINARI, 2011).

As contribuições para a discussão epistemológica acerca das relações da História com a vida prática têm possibilitado identificar alguns caminhos de análise da consciência histórica de jovens. De acordo com Rüsen (2001), por seu papel em nos orientar no tempo, a consciência histórica tem duas funções essenciais: orientação temporal da vida prática externa e interna.

A competência interna de orientar a vida prática denomina-se identidade histórica. A identidade histórica fornece à vida um sentido temporal de continuidade entre o passado, o presente e o futuro. Esse trabalho da consciência histórica realiza-se nas práticas de narração histórica.

Ademais, Rüsen (2001) afirma que o arranjo das três dimensões temporais (passado, presente, futuro), pela narrativa histórica, assume formas diferentes conforme o quadro de referências de orientação cultural da existência humana, que incluem diferentes dimensões identitárias construídas ao longo da vida. (GERMINARI, 2011, p. 68 e 69)

Desta maneira, ao relacionarmos fatos da vida cotidiana a fatos históricos de grande relevância, estaremos construindo as noções de passado, presente e futuro e

como estes três tempos se relacionam e interagem entre si. Assim, o ensino de História nas Séries Iniciais, deve buscar envolver as crianças num sentido de valorização de sua própria história, alicerçando assim, a aquisição de história local e do mundo.

3.1 O Ensino de História nos diferentes níveis da Educação Básica

Ao pensarmos um ensino de História que vise a formação da consciência histórica desde o período inicial da formação da vida escolar, podemos dividi-la em três etapas principais da vida escolar da Educação Básica: Anos Iniciais, Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental é de grande importância que os alunos, ao ingressarem na escola criem desde cedo a habilidade de pensar e argumentar. Sendo assim, o ensino de História nas Séries Iniciais deve ter um caráter transformador, despertando o aluno para a condição de sujeitos que fazem História ao longo do tempo e dos espaços.

Cabe ao professor promover situações para que o aluno critique e compreenda o estudo da disciplina como fator necessário para sua formação enquanto indivíduo. É também por meio da criação de situações que visam esta formação que o professor deve lembrar que o trabalho interdisciplinar não diz somente respeito ao diálogo com outras disciplinas, mas também com o diálogo com outras fontes de informação.

Ao fomentarmos ainda nos anos iniciais esta criticidade que buscamos em nossos alunos, será necessário que, na próxima etapa de aprendizagem – Anos Finais – ocorra o aumento quanto ao estímulo do pensamento crítico e o incentivo a difusão de ideias e opiniões. Ao mesmo tempo que o estudante se desenvolve como ser crítico, ele vai também aos poucos tornando-se o cidadão o qual espera-se que a escola o forme.

Toda esta soma de fatores fará com que, ao ingressar no Ensino Médio e já com a maturidade formada, bem como com o aumento e facilidade de acesso à informação, o então jovem, passe a esta nova etapa do ensino, como um ser social e crítico que atua e dialoga na escola e na sociedade. Pois, a educação é um processo de aprendizagem contínuo e permanente, necessário ao indivíduo, favorece as relações sociais e também, é o meio pelo qual a sociedade se renova, constituindo-se ainda num processo de transmissão cultural.

3.2 Como a formação da Consciência Histórica auxilia na compreensão dos fatos sociais

Ao realizarmos um trabalho de formação de ser social já nos anos iniciais, as chances de que os jovens ao ingressarem no Ensino Médio terão maior criticidade e uma maior noção da relevância histórica dos fatos cotidianos, facilitariam as noções históricas do professor para trabalhar nesta fase. Ao voltarmos para a experiência realizada com as turmas de terceiro ano, em uma escola pública de Educação Básica, percebemos, de certa forma que, talvez estes jovens não tenham tido a oportunidade de criar desde cedo sua criticidade com relação a assuntos sociais.

De certa forma isso faz com que muitos de nossos jovens busquem informações nos meios de comunicação de massa, que nem sempre noticiam os fatos com a imparcialidade devida. Mesmo que a mídia tenha grande função social na sociedade, não podemos esquecer que o indivíduo que não conhece sobre aquilo que lhe é falado, tampouco sabe debater sobre o determinado tema. Assim, Dorigoni e Silva trazem alguns elementos importantes ao relacionar a educação escolar com a interferência da mídia:

E a escola divide com a mídia a responsabilidade na socialização dos jovens e crianças. Portanto, o controle social é exercido sob múltiplas formas e através de instituições entre as quais a escola e a mídia. A escola perpetua assim sua função como Aparelho Ideológico do Estado, dividindo agora esse intento com a mídia que assume a liderança sobre essa função. Nesse cenário atual, escola é vista apenas como mais uma entre as muitas agências especializadas na produção e disseminação da cultura. No processo geral de transmissão da cultura e no processo de socialização das novas gerações, a escola vem perdendo terreno e prestígio em concorrência com as diferentes mídias. (DORIGONI e SILVA, 2008, p.10).

Esta falta de prestígio pelo qual a escola passa, segundo Dorigoni e Silva, faz com que a instituição escolar, hoje mais do que nunca, trabalhe aliada a esta grande difusão de informações e as organize de forma construtiva dentro do espaço escolar. Dando um grande destaque para:

[...] a importância do fenômeno comunicacional na sociedade mundial e o acelerado processo tecnológico que abrange os mais variados setores da convivência humana, o que se propõe é uma escola contextualizada, que se situe na dinâmica dos novos processos de ensino e aprendizagem colaborativa, com o uso da Internet como mecanismo de desenvolvimento, de

criticidade, de colaboração mútua que transforma as informações em conhecimentos sistematizados.

Para que esse intento se concretize, os educadores precisam coordenar este processo, incorporando as mídias aos encaminhamentos pedagógicos deixando de defender-se da inovação.

Com o intuito de colocar o homem no centro da história, analisando o impacto que as novas tecnologias vêm causando na sociedade, e a evidência que a mídia é imprescindível aos rumos educacionais oferecendo valiosas perspectivas para atingir o conhecimento satisfatório, insere esse estudo como pretensa contribuição ao desenvolvimento da educação. (DORIGONI e SILVA, 2008, p.16).

Baseando-se nestas falas podemos nos remeter aos resultados obtidos nas entrevistas. Se, ao analisarmos que a grande maioria os jovens que responderam à pesquisa, demonstraram pouco embasamento histórico para responder questões com relação a CLT, a política e a preposição destas reformas, mas que, contudo, sabiam de sua grande relevância para a sociedade, concluiremos que os meios de comunicação cumpriram a sua função de difundir as informações que chegaram a estes jovens.

Talvez a que se pensar em alternativas, com as quais o uso das mídias e dos meios de comunicação possam cumprir da melhor forma possível seu papel informacional. Haja visto que atualmente a difusão de informações corre em grande velocidade, aliar a educação escolar, com o mundo interligado e a criação de hábitos de reflexão de notícias, pode vir a ser uma grande contribuição para a formação da consciência e do sujeito histórico. Assim o sujeito constrói seu conceito de mundo e percebe-se como ser atuante do mesmo.

3.3 O Ensino de História como elemento de uma formação cidadã

Mobilizar a própria consciência histórica não é uma opção, mas uma necessidade de atribuição de significado a um fluxo sobre o qual não tenho controle: a transformação, através do presente, do que está por vir o que já foi vivido, continuamente. Embora seja teoricamente imaginável estar na corrente temporal sem atribuir sentido a ela, não é possível agir no mundo sem essa atribuição de sentido; como deixar de agir também parte de uma interpretação, na prática também não há opção de atribuir ou não significado ao tempo que passamos ou que passa por nós. (CERRI, 2001, p. 99).

Quando pensamos nas aulas de história como uma função formativa de identidade e de formação social, veremos que as afirmações no trecho acima, nada mais são que a constatação de uma necessidade a qual todos os indivíduos buscam em suas relações com a sociedade: compreender e dar sentido a acontecimentos históricos. Muito embora, não seja possível levar aos alunos a real noção de que o presente se faz

agora, e que é por meio dos acontecimentos atuais que escreveremos um futuro, podemos sim aliar o ensino da história com criação de uma formação social do indivíduo.

Como a História pode fornecer essa ferramenta necessária, capaz de mexer no arcabouço mental do aluno de forma que ele tenha condições de estabelecer conexões com o conhecimento que traz do mundo e o conhecimento adquirido através da disciplina até o ponto em que alcance a competência necessária para sua orientação temporal? (COSTA e OLIVEIRA, 2007, p.158).

Segundo Costa e Oliveira, as crianças devem ser levadas a pensar, como surgem as questões relacionadas a determinados fatos e que, dentre estas questões, quais seriam as mais relevantes, a partir de seu próprio interesse e suas próprias dúvidas. Em seguida, se oferece ao aluno a possibilidade de escolher qual seria a abordagem melhor aceita por ele, apontando sempre os pontos de concordância e discordância.

Para tanto, ressaltamos ainda que, neste processo, o uso dos mais variados recursos contribuem para o seu sucesso, e que ao pensarmos com relação a determinados fatos, também trará a necessidade de ouvir opiniões e argumentações divergentes de sua própria opinião. Sendo assim, ao nos instruir mais sobre determinados assuntos, estaremos também nos preparando para os constantes debates nos quais nos envolvemos como seres históricos e sujeitos sociais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao propormos um estudo partindo da visão que alunos oriundos da Educação Básica possuíam sobre um tema atual de grande relevância social, buscou-se criar a partir desta pesquisa, como cada indivíduo podia desenvolver a sua habilidade de argumentação. Ao percebermos que grande parte dos estudantes que responderam à pesquisa apresentaram uma grande falta de conhecimento relacionado a fatos históricos dos conteúdos escolares, fez-se necessário indagar de onde teriam vindo algumas colocações com relação ao tema proposto, haja visto que existia ainda uma grande falta de compreensão histórica

Desta maneira, fez-se necessário relacionar o papel da escola juntamente com a influência da mídia. Quando nos aprofundamos mais nas relações entre Educação e Mídia, podemos perceber o quanto os dois assuntos estão interligados. A influência direta da mídia faz com que, tanto crianças, quanto jovens, permaneçam ligados o tempo todo e recebendo informações dos mais variados tipos e fontes, a todo o momento.

Ao propormos um diálogo entre a escola e as mídias, buscou-se aliar duas ferramentas importantes para a formação do ser social. Pensar nas duas reformas como medidas que trarão mudanças, reais, significativas e sobre tudo impactantes, torna possível a fomentação do diálogo em sala de aula. Função essa dada à escola, tornando-a um espaço legitimado onde ocorre o de debate de ideias, que buscam a argumentação e a crítica.

Voltando-nos para o início do debate, aonde foi necessário compreender o motivo desta grande dificuldade em criar no jovem uma consciência crítica, capaz de fazer com que os estudantes, não só se informem sobre os fatos sociais, mas também saibam opinar sobre eles, ficam ainda algumas questões. Não pode-se afirmar ao certo, se a realidade social a qual a escola pertence, influencia ou não nesta falta de tomada de consciência, ou ainda, se estes mesmos obstáculos alienaram desde os processos formativos educacionais, estes jovens que apresentam ainda grande falta de capacidade argumentativa. Pode-se afirmar somente que, quando as escolas assumem um caráter formador de sujeitos sociais atuantes e que estes sujeitos devem desenvolver-se em sentido à busca de uma libertação social que

vise a tomada de consciência, e que todos os mecanismos envolvidos neste processo são de caráter formador.

Estes fatores sociais, que outrora oprimem podem ser também o caminho para a busca da libertação. Pensar socialmente, seja a iniciativa de políticas públicas, seja a criação da formação do pensar histórico, é o caminho para as mudanças estruturais que esperamos na sociedade. E não há caminho para a mudança que não passe pela educação, já que é a partir dela que nos tornamos seres que pensam, argumentam e atuam, transformando a sociedade e contribuindo para a formação histórica.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ronaldo Cardoso. **História e Vida: o encontro epistemológico entre Didática da História e Educação Histórica.** In: *História & Ensino*, v. 19, n. 1, p. 49-69. Londrina, 2013. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/15535>>

BARCA, Isabel. **Educação Histórica: uma nova área de Investigação.** In: *Revista da Faculdade de Letras HISTÓRIA*, III série, vol.2. pp. 013-021. Porto, 2001.

CERRI, Luis Fernando. **Os conceitos de Consciência histórica e os desafios da didática da História.** In: *Revista de História Regional* 6(2): 93-112. Editora UEPG, 2011.

COSTA, Aryana Lima. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **O Ensino de História como objeto de pesquisa no Brasil: no aniversário de 50 anos de uma área de pesquisa, notícias do que virá.** *Revista de História.* (2007). Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11378>>

DORIGONI, Gilza Maria Leite. SILVA, João Carlos da. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar.** Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2017.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: aspectos teórico-metodológicos.** *Olhar de professor* (2011). Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>

GERMINARI, Geyso D. **Educação Histórica: A constituição de um campo de pesquisa.** *Revista HISTEDBR On-line.* (2011). Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639866>>

PINTO, Virgilio Noya. **Comunicação e Cultura Brasileira**. 5ª ed., São Paulo: Ática, 2003.

SADDI, Rafael. **Didática da História na Alemanha e no Brasil: considerações sobre o ambiente de surgimento da Neu Geschichtsdidaktik na Alemanha e os desafios da nova Didática da História no Brasil**. *OP SIS*, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 133-147, out. 2014. ISSN2177-5648. Disponível em:

<<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/30835>>

ANEXOS



CAMPUS ERECHIM

Curso de Licenciatura em História

Pesquisa sobre a Reforma Trabalhista e da Previdência

Questionário:

Nome: _____ Idade: _____

1) Você trabalha? No ramo formal (carteira assinada), ou informal?

2) O que você sabe sobre a Reforma Trabalhista e da Previdência?

3) Dos locais abaixo, em quais deles você obteve informações sobre a as referidas reformas (pode ser marcada mais de uma opção):

() Meios de comunicação falados (Televisão, Rádio).

() Meios de comunicação impressos (Jornais, Revistas).

() Internet e Redes Sociais.

() Na Escola.

() Outros (família, amigos, outros locais ou fontes).

4) Você sabe quem propôs estas reformas? Caso sim, quem?

5) Você sabe quais são os partidos políticos que apoiam esta proposta, e quais são contrários?

6) Qual a sua opinião sobre estas Reformas?

7) Você sabe o que significa CLT? Quando e por quem ela foi criada?

8) Você tem conhecimento de como era a vida do trabalhador, antes da criação das Leis Trabalhistas?

9) Você tem algum conhecimento do papel dos movimentos operários para a consolidação destas leis?
